

A FORMAÇÃO DO CONTADOR: PARA ONDE DEVEMOS CAMINHAR?

É voz corrente entre educadores, economistas, sociólogos e tantos outros profissionais que o Brasil não passará para a primeira divisão da economia mundial sem promover uma revolução profunda em seu sistema educacional. De forma geral, entende-se que investir em educação é condição básica para aumentar a taxa de crescimento econômico, melhorar as condições sociais e reduzir os desequilíbrios na distribuição de renda.

De modo semelhante, entende-se também que a educação é caminho obrigatório para viabilizar a inserção competitiva das empresas brasileiras na economia globalizada. Agora, mais do que nunca, sabe-se que é preciso imprimir um ritmo mais célere ao processo de aprimoramento das organizações, especialmente no que se refere ao setor da produção de bens e serviços. Nesse particular, precisamos nos preparar para enxugar custos, aumentar a qualidade dos nossos produtos e, assim, ganhar condições de explorar as vantagens que a abertura de mercado pode nos proporcionar. É claro que, para isso, outros problemas também precisam ser atacados, como a carga tributária elevada, custos de infra-estrutura exorbitantes e juros restritivos.

Neste cenário, raro é encontrar alguém que possa permanecer na condição de mero espectador olhando o movimento da onda sem correr o risco de ser arrastado para o fundo do mar. Essa é uma realidade que atinge em cheio a profissão contábil. Afinal de contas, se o contador pretende se inserir nesse contexto como um *player*, de maneira nenhuma poderá se limitar a produzir relatórios contábeis, como muitos ainda imaginam ser o seu papel principal. Mais do isso, já é necessária uma participação muito ativa nos negócios, no sentido de ajudar os gestores a identificar alternativas que contribuam para melhorar o desempenho das organizações.

Em outras palavras, diríamos que a Contabilidade não poderá se limitar a fornecer o placar do jogo, mas deve inserir-se na competição como instrumento de caráter estratégico para mudar o placar e garantir os resultados desejados. Principalmente no campo gerencial, os contadores devem aproveitar os recursos tecnológicos para consumir menos tempo preparando relatórios e mais tempo no processo de análise e interpretação de informações de negócios.

Tudo isso nos leva a refletir sobre o perfil do profissional que está sendo preparado no curso de Ciências Contábeis. Embora seja difícil conceber um modelo de currículo que possa contemplar todas as expectativas dos agentes econômicos em relação às habilidades do contador, parece haver consenso no sentido de que pelo menos alguns princípios básicos devem ser considerados em sua formação. Um dos principais seria estimular o estudante a desenvolver habilidades que lhe permitam “caminhar por conta própria”, ou seja, adquirir novos conhecimentos, e de forma continuada, para responder aos desafios que surgirão em cada fase de sua vida profissional. Adicionalmente, defende-se a idéia de que os currículos devem contemplar preferencialmente conteúdos menos voláteis, como métodos quantitativos, habilidades de comunicação e valores comportamentais. Associado a isso, recomenda-se um conjunto de conhecimentos técnicos e práticos sobre modelos decisórios, análise de risco, modelos de mensuração, técnicas de comunicação das informações contábeis, habilidades de pesquisa e capacidade de alavancar e usar tecnologias. Parte-se do princípio de que os alunos precisam aprender a pensar de forma estratégica e crítica, ter conhecimentos segmentados por indústrias, ter uma perspectiva e entendimento global e internacional, conhecer técnicas de gerenciamentos

de recursos, entender implicações legais e fiscais nos negócios e reunir conhecimentos em marketing.

Diante disso, muitos reconhecem a necessidade de submeter o currículo dos Cursos de Ciências Contábeis a ajustes continuados, com o que concordamos inteiramente. Entretanto, é preciso salientar que a renovação do perfil profissional do contador não se concretiza com a mera substituição de disciplinas ou com a simples inclusão de quaisquer outras. Mais do que isso, é necessário fornecer ao estudante instrumentais adequados para que ele se desenvolva num mercado de trabalho altamente dinâmico e competitivo. Se ele não for estimulado a desenvolver um conjunto de habilidades que lhe permitam assimilar novos conhecimentos ao longo de sua vida profissional, dificilmente poderá se adaptar às novas exigências que lhe serão impostas. Daí, concluímos que o essencial mesmo é ajudá-lo a desenvolver a habilidade que realmente faz diferença nos dias atuais: APRENDER A APRENDER.

José Maria Dias Filho
Professor Doutor da Faculdade de
Ciências Contábeis da UFBA